

A QUESTÃO ONTO-TEOLÓGICA EM HEIDEGGER

Antonio Wardison C. Silva*
Prof. Me. José Moacir de Aquino**

RESUMO

O texto tem a finalidade de apresentar, a partir de uma análise exploratória, a questão onto-teológica em Heidegger, fruto das discussões feitas pelo filósofo em algumas conferências realizadas na década de 50. Nesta perspectiva, é abordada a discussão entre Heidegger e Hegel, acerca do objeto do pensamento e, por conseguinte, um possível diálogo entre suas argumentações teóricas; a origem onto-teológica na tradição e sua perspectiva de unidade; e a discussão sobre a essência do fundamento. Em suma, esta análise apresenta as vias argumentativas de Heidegger na tentativa de fundamentar uma nova filosofia capaz de pensar o ser das coisas, na sua diferença e constituição.

Palavras-chave: Ser. Ente. Fundamento. Pensamento. Metafísica.

ABSTRACT

The following is intended to address, from an exploratory analysis, the question of Heidegger's onto-theological, the result of the discussions made by the philosopher in some conferences in the 50s. In this perspective, we discuss the debate between Heidegger and Hegel, on the object of thought and therefore a possible dialogue between his theoretical arguments, the origin onto-theological tradition and its perspective of unity, and discussion about the essence of the foundation. In short, this analysis shows the way argumentative Heidegger in an attempt to justify a new philosophy to be able to think of things, and their difference in constitution.

Keywords: Being. Entity. Foundation. Thinking. Metaphysics.

* Antonio Wardison, Mestrando em Filosofia – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

** José Moacir, Mestre em Filosofia pela UFMG. Coordenador e professor do Curso de Filosofia da Universidade Católica Dom Bosco – Campo Grande-MS.

INTRODUÇÃO

Heidegger é um filósofo que procurou colocar em cheque todo o patrimônio do pensamento filosófico instaurado no Ocidente, particularmente a partir de Platão e Aristóteles. Heidegger aventurou-se em implantar uma crítica veraz sobre a questão do pensar, ao sublinhar que a questão fundamental sobre o ser mereceria uma nova abordagem filosófica, já que a filosofia clássica desviou a verdadeira compreensão sobre o ente e o ser das coisas e, com isso, produziu a mesquinhez do conceito de homem. Pois “o filósofo, encarnação do protótipo de homem perfeito, passou a ser um produtor de teorias sobre os *ob-jetos*, sem jamais ter nenhum envolvimento com eles”.¹

Dessa forma se desenvolveu a história da filosofia, com a divulgação da verdade como adequação da inteligência ao objeto e distinção entre o sujeito e o objeto. Também a metafísica sofreu com o esquecimento de uma eficaz explicação sobre a relação ser-ente. Por isso, a tentativa de Heidegger, iniciada na obra *Ser e Tempo*, se instaura em uma pergunta fundamental que ele mesmo considera ser o eixo de toda investigação filosófica: a questão sobre o ser. O primor desta questão não está em oferecer respostas acabadas e seguras, mas no ato de como perguntar, ou seja, a maneira como se deve questionar e entender o ser na sua gênese e relação.

A reflexão, que aqui se pretende, procura explicitar a questão do ser no horizonte da diferença *ontológica*, para se determinar a relação entre ser e fundamento (Deus). Para isto, Heidegger trava uma discussão com Hegel sobre a questão do ser, particularmente, o objeto do pensamento. O diálogo com Hegel marca o encontro com a tradição filosófica e a abertura para um novo pensar.²

Esta reflexão, intitulada *A constituição onto-teológica da metafísica*, ocorreu por ocasião de um seminário realizado em fevereiro de 1957. Tal conferência situa-se num momento de grande produção de Heidegger (década de 50) e faz parte de outras duas grandes meditações, a saber: *Que é isto a Filosofia?* (1955) e *O princípio da identidade* (1957). Estes três trabalhos devem ser entendidos a partir da analítica existencial, pois o problema acerca do ser marca um confronto com a tradição filosófica e,

¹ GMEINER, Conceição Neves. *A Morada do Ser*, p. 26.

² HEIDEGGER. *O que é isto a Filosofia*, p. 7-8.

com isso, a tentativa de superar o pensamento até então contemporâneo às especulações filosóficas de Heidegger.

A linguagem utilizada por Heidegger, nestas conferências, é encarnada na coisa em si, pelo viés fenomenológico, em detrimento da argumentação sistemática e rigorosa dos escolásticos. A coisa mesma é o ser, como ele é e se diferencia. Em todas as reflexões, aqui apontadas, Heidegger introduz uma terminologia nova, com a tentativa de clarificar aquilo que deseja defender, sempre fundado pelo horizonte hermenêutico.

1. O OBJETO DO PENSAMENTO PARA HEGEL

Segundo Heidegger, o objeto do pensamento para Hegel é o próprio pensamento, isto é, o pensamento enquanto tal, de pensado do pensado na sua mais alta especulação: o pensamento tem seu desenvolvimento na pura dimensão do pensamento e alcança sua suprema liberdade na “Idéia Absoluta”. Ora, para Hegel, como ele mesmo prescreve na “Ciência da Lógica”, a Idéia Absoluta é ser, verdade que comporta si mesma. Para Heidegger, nota-se, aqui, que Hegel aponta o ser como o próprio objeto de pensamento.

Na compreensão de Hegel, o ser não é apenas “a indeterminada imediatidade”, mas o mediar determinante, isto quer dizer: a verdade somente se “funda no conceito absoluto e, mais exatamente, na idéia”.³ Nesta perspectiva, “a verdade do ser é a essência, quer dizer, a reflexão absoluta”.⁴ Tal verdade representa um conceito situado no infinito autoconhecimento, pois, é o conceito, o movimento do saber.⁵ Por isso, para Hegel, “ser é o absoluto autopensar-se do pensamento”,⁶ ou seja, a verdade reside no conhecimento consciente enquanto tal cognoscível.

Não obstante, segundo Heidegger, a maneira como Hegel pensa o objeto do pensamento está em consonância com a história do pensamento. Tal relação se prescreve na ordem da especulação, que sinaliza o processo dialético. A diferença apontada por Hegel está na sua tentativa de libertar a

³ HEGEL. *A Idéia e o Ideal*, p. 117.

⁴ HEIDEGGER. *O que é isto a Filosofia*, p. 54.

⁵ HEGEL. *Fenomenologia do Espírito*, p. 135

⁶ HEIDEGGER. *O que é isto a Filosofia*, p. 54.

especulação da exterioridade histórica e afirmá-la unicamente no elemento do pensamento.

No entanto, para Hegel (o que parece contrário ao seu pensamento), a história da filosofia deve desenvolver-se na sua relação com a exterioridade: “a história em si deve ser tomada como é, temos que seguir adiante histórica e empiricamente”.⁷ A exterioridade aqui “significa o âmbito exterior, no qual reside toda a história e qualquer processo real, em face do movimento da Idéia Absoluta”.⁸ A relação entre a exterioridade e a Idéia surge como consequência da auto-exteriorização da Idéia. Neste sentido, a exterioridade é compreendida como determinação dialética em detrimento de uma historiografia ou de sistemas filosóficos.

Estas observações, como afirma Heidegger, querem sublinhar que o objeto do pensamento, para Hegel, é historial, mas como acontecer, isto é: dentro de um processo o ser aparece como pensamento que pensa a si mesmo e se desenvolve em alta escala na dimensão especulativa, cuja matéria faz pensar o pensar ainda não desenvolvido. Tudo isto quer dizer, como atesta Hegel, que somente a partir do objeto do pensamento, experimentado, pode surgir uma via para o diálogo com os pensadores.

2. EM BUSCA DE UM DIÁLOGO

Segundo Heidegger, para estabelecer um diálogo com Hegel é necessário falar-lhe do mesmo objeto e da mesma maneira como ele concebe o objeto. Ao falar da mesma maneira não se quer dizer que a análise seja igual. Ora, como já explicitado, Hegel pensa o ser numa vertente especulativo-histórica e ela deve ser guia para o estabelecimento do diálogo.⁹

Para Heidegger, ao pensar um objeto e permanecer junto a ele, é necessário que tal objeto se torne mais objetivo e controvertido. Dessa forma, o objeto exige do pensamento uma correspondência: se este permanecer junto daquele, e se o objeto é o ser, deve-se empenhar-se na decisão deste ser. A partir desta abordagem é possível estabelecer a *mesmidade* do mesmo objeto pensado por Hegel.

⁷ HEGEL. *A Razão na História*, p. 55.

⁸ HEIDEGGER. *O que é isto a Filosofia*, p. 55.

⁹ HEIDEGGER. *O que é isto a Filosofia*, p. 55.

Nesta perspectiva, Heidegger, para explicitar a diferença existente entre o seu pensamento e o de Hegel, considera três aspectos importantes. Primeiro, Para Hegel, o objeto do pensamento é o ser na sua perspectiva pensante e absoluta enquanto tal, conceito absoluto. Ao contrário, para Heidegger, o objeto de pensamento também é o ser, mas o ser que se diferencia do ente (a diferença enquanto diferença).¹⁰ Pois “o nível de uma ciência determina-se pela sua capacidade de sofrer uma crise em seus conceitos fundamentais”.¹¹

Segundo, quanto ao diálogo com a história do pensamento, Hegel postula pelo acesso daquilo que foi pensado pelos primeiros pensadores, num processo dialético-especulativo. Para Heidegger, ainda que a via historial também seja o ponto de partida para o diálogo com a tradição, o diálogo se sustenta em algo ainda impensado, cuja força se manifesta em abundância. Este impensado não obedece a uma ordem sistemática que procura sempre mais atingir o mais alto pensamento especulativo, mas abre-se para um estado de liberdade e entrega do pensamento já formulado, na tentativa de perceber o que dele já foi e continua por descobrir. Ao postular o impensado, a filosofia de Heidegger “constrói a ontologia, a saber, o sentido do ser”.¹² Por isso, “as questões originárias do pensar estão fora da história, embora históricas em sua origem”.¹³

Terceiro, para Hegel, este diálogo com a tradição tem o caráter de sobressumir, quer dizer, de uma compreensão mediadora que leva ao mais alto grau de verdade absoluta, de um pensamento que sabe de si mesmo. Para Heidegger, o diálogo com a história do pensamento se consolida num

¹⁰ “Convém lembrar que o termo *ente* (ens) é um substantivo verbal (em grego o particípio neutro, *tó ón*, do verbo *eimi*, infinitivo *einai*, ser), tanto designando algo determinado nessa ou naquela forma – um pedaço de giz, uma árvore, um triângulo – e, portanto, *o que é*, quanto significando, nessas coisas, isso *que é* ou que possui o ser. Como o *ens* latino ou o *tó ón*, ente (Seinde) oscila entre a designação substantiva pluralizada, aplicando-se ao giz, a árvore ou ao triângulo, que são entes (entia, tá ónta), e a menção ao que é expresso pela significação do verbo ser (einai, esse), na terceira pessoa do singular; por sua vez, essa significação assinala o núcleo da atribuição em jogo nas *categorias* e na distinção entre o *verdadeiro* e o *falso*, que se exprime no enunciado proposicional ou apofântico.” NUNES, Benedito. *Passagem para o Poético*, p. 42.

¹¹ HEIDEGGER. *Ser e Tempo*, p. 35.

¹² BLANC. Mafalda Faria. *O Fundamento em Heidegger*, p. 45.

¹³ GMEINER, Conceição Neves. *A Morada do Ser*, p. 77.

passo de volta cuja perspectiva é identificar o que foi revelado, onde a essência da verdade se torna possível de ser pensada.¹⁴

Este último item merece melhor esclarecimento. O “passo de volta” significa um percurso pelo movimento do pensamento, com o objetivo de descobrir aquilo que não fora pensado pela tradição filosófica. O pensamento volta-se para o ser (seu objeto) e coloca o pensamento pensado em confronto com o todo da história: “o passo de volta vai do impensado, da diferença enquanto tal, para dentro do que deve ser pensado. Isto é, o *esquecimento da diferença*”.¹⁵

Isto quer dizer: a metafísica, embora não tenha se esquecido do ser e do ente, esqueceu de pensar a diferença entre eles e, por isso, não coloca em questão a verdade do ser, pois ela continua impensada. Portanto “a *diferença* subjacente aos conceitos ontológicos, de que provém a direção polarizada do eixo ontoteológico da Metafísica, é, precisamente, o que a Metafísica esquece”,¹⁶ ou melhor:

O esquecimento a ser aqui pensado é o velamento da diferença enquanto tal, pensado a partir da *léthe* (ocultamento), velamento que por sua vez originariamente se subtrai. O esquecimento faz parte da diferença porque esta faz parte daquele. O esquecimento não surpreende a diferença, apenas posteriormente, em consequência de uma distração do pensamento humano.¹⁷

Nesta perspectiva, para Heidegger, a diferença entre o ente e o ser faz com que a metafísica possa ser aquilo que, de fato, ela é: “a metafísica se desenvolve como que fundada na diferença irreduzível que os separa sem jamais confundi-los”.¹⁸ Pois é neste horizonte que o “passo de volta” se movimenta para fora da metafísica e para a interioridade da essência da metafísica. Este passo requer uma preparação tentada na sua imediatidade: “isto, entretanto, em face do ente enquanto tal em sua totalidade, como agora é e como rapidamente e de maneira mais inequívoca começa a mostrar-se”.¹⁹

¹⁴ HEIDEGGER. *O que é isto a Filosofia*, p. 56-59.

¹⁵ *Ibid.*, p. 59.

¹⁶ NUNES, Benedito. *Passagem para o Poético*, p. 223.

¹⁷ HEIDEGGER. *O que é isto a Filosofia*, p. 60.

¹⁸ NUNES, Benedito. *Passagem para o Poético*, p. 222.

¹⁹ HEIDEGGER. *O que é isto a Filosofia*, p. 60.

3. A ORIGEM ONTO-TEOLÓGICA NA TRADIÇÃO

A fim de melhor explorar a questão sobre a metafísica hegeliana, Heidegger começa uma análise a partir do primeiro livro da “Ciência da Lógica”, *A Doutrina do Ser*, de Hegel. Nesta obra, Hegel afirma que o começo de uma ciência é de natureza especulativa, ou seja, este começo não é nem imediato e nem mediado. Para Heidegger, tal princípio significa dizer que “o começo é o resultado”, isto é: o começo resulta da plenificação do movimento dialético do pensamento que pensa a si mesmo.

Tal plenificação atua no seu fechamento e produz a vacuidade do ser. Ora, no começo e fim do movimento permanece o ser. O ser embarca todo movimento em torno de si mesmo e se direciona para seu mais alto grau de plenificação. Neste sentido, segundo Heidegger, “o objeto do pensamento para Hegel é assim o pensamento que se pensa a si mesmo enquanto ser que circula em si”.²⁰ Dessa forma, se uma ciência parte de Deus ela é a ciência do Deus, que é a teologia: a sistematização do pensamento sobre Deus.

Para Heidegger, desde os gregos, ao passar pela tradição ocidental, a metafísica esteve associada ao nome ontologia ou teologia. Ora, a metafísica abarca o ente enquanto tal e no seu todo. A metafísica, então, é onto-teo-logia: “a essência ontoteológica da filosofia propriamente dita (*próter philosophía*) deve estar, sem dúvida, fundada no modo como lhe chega ao aberto o *ón* [ente], a saber, enquanto *ón*”.²¹

Mas, hoje, a metafísica prefere ocultar Deus na sua reflexão. Não por ateísmo, mas por ainda não atingir a sua essência. E por isso esta questão ainda é digna de ser pensada, juntamente com toda tradição que a pensou. Não obstante, para Heidegger, “a metafísica é teologia, uma enunciação sobre Deus, porque o Deus vem para dentro da filosofia”.²² Ou melhor: “a metafísica foi, pois, sempre teológica, no sentido de explicação dos seres por causa divina, que seria a realidade das realidades”.²³ Em suma,

A pergunta pelo ser é, enquanto pergunta pelo ser do ente, dupla.
Ela pergunta primeiramente: o que é o ente em geral enquanto ente?

²⁰ HEIDEGGER. O que é isto a Filosofia, p. 61.

²¹ Id. Que é Metafísica? p. 85.

²² Id. *O que é isto a Filosofia*, p. 63.

²³ MATTOS, Carlos Lopes de. *Heidegger e o problema da filosofia*, p. 27.

As considerações no âmbito desta questão têm lugar no decorrer da história da filosofia sob a rubrica ontologia. A pergunta o que é o ente? Interroga ainda qual é e como é o ente? No sentido do ente supremo. É a pergunta pelo divino e por Deus. O domínio desta pergunta tem o nome de teologia. As duas formas da pergunta pelo ser do ente deixam-se agrupar sob a designação de onto-teo-logia.²⁴

Para Heidegger, a pergunta fundamental de onde se origina esta sentença é: como entra Deus na filosofia? E como a teologia fundamenta a metafísica? Conforme Heidegger, estas questões merecem ser respondidas no horizonte do pensamento de Hegel. Ora, Hegel pensa o ser na sua vacuidade e plenitude perfeita. De outra forma, Hegel pensa a ciência especulativa, a “Ciência da Lógica” e não onto-teológica.

Ser por um lado poder-se-ia considerar a metafísica como “lógica”, já que o objeto do pensamento é o próprio pensamento, por outro, o pensamento também tem o ente como seu objeto, segundo a tradição filosófica incorporada por Hegel. Por isso, para Hegel, a metafísica é “lógica” porque o ser permanece como objeto do pensamento. O ser tem a tarefa de interpelar o pensamento e de lhe exigir a tarefa de fundamentar.

Para Heidegger, a metafísica pensa o ente no todo e no geral; pensa o ser do ente na sua unidade exploradora e na sua unidade fundante da totalidade. Ora, a metafísica não é uma mera descrição do ser, mas investigação pela sua inteligibilidade e significado.²⁵ Nesta perspectiva, a metafísica, o ser do ente, é o fundar de todo fundamento. Ela presta contas do ser de todo e qualquer fundamento.

Ao se falar de ontologia e teologia não se pode pensar tais expressões, na sua terminologia, da mesma forma como se prescrevem outras ciências, como psicologia, biologia etc. A *logia* apresenta sempre o elemento fundante de uma ciência, sua lógica. Ela trata da ciência da alma, do vivente. Ora, a teologia e a ontologia são *logias* que fundam o ente enquanto tal, no todo: “elas prestam conta do ser, enquanto fundamento do ente. Prestam contas ao *logos* e são, num sentido essencial, conforme *logos*, quer dizer, a lógica do *logos*”.²⁶

²⁴ BLANC. Mafalda Faria. *O Fundamento em Heidegger*, p. 22.

²⁵ ROVIGHI, Sofia Vanni. *Heidegger*, p. 91.

²⁶ HEIDEGGER. *O que é isto a Filosofia*, p. 65.

Neste sentido, tais ciências chamam-se mais onto-teológica e teo-lógica. Por isso a metafísica é onto-teo-lógica. O termo “lógica” tem sua correspondência na filosofia hegeliana. Ela, a lógica, quer dizer o pensamento que explora e funda o ente enquanto tal, no todo, a partir do ser. Eis aí o sentido fundamental da metafísica: nomear-se onto-teo-lógica.

4. A UNIDADE ONTO-TEOLÓGICA

Como já esclarecido, a metafísica tem a propriedade de ser ontológica e teológica. Uma está em conexão com a outra; é uma porque é outra. No entanto, não se pode afirmar que uma permanece na outra por mera reunião. Antes de tudo trata-se da unidade dessas duas disciplinas, que trazem o mesmo questionamento: como o ente é pensado enquanto tal, no todo, uno e princípio.

Tal questão traz a constituição da essência da metafísica. A tarefa, aqui proposta, está em pensar a essência onto-teológica da metafísica. Ao pensar o ser, como objeto de tal questão, se identifica sua significação: é aquilo que está em toda parte, o ser do ente. Ente, por sua vez, recebe a significação daquilo que também está em toda parte, o ente do ser. Para Heidegger, “a palavra ‘ser’, em cada uma de suas variações, se comporta com respeito ao ser em si mesmo por ela evocado de um modo essencialmente diverso do que todos os outros substantivos e verbos da linguagem com relação ao ente neles evocado”.²⁷ Como representar esta diferença?²⁸

Para Heidegger, o ponto de partida para pensar tal diferença está, no já referido, “passo de volta”: “através da distância por ele trazida se dá o próximo enquanto tal, a proximidade chega a sua primeira manifestação. Pelo passo de volta liberamos o objeto do pensamento, o ser da diferença, para um confronto, que absolutamente pode permanecer inobjetivado”.²⁹ O ser se manifesta como fenômeno num movimento de ultrapassagem para o ente. Mas ao passar para o ente, não se desloca de seu lugar:

O “passar para” sobrevém desocultando; o ente aparece como advento que se oculta no desvelamento. Neste sentido, “a diferença entre ser e ente

²⁷ HEIDEGGER. *Introdução à Metafísica*, p. 115.

²⁸ Id. *O que é isto a Filosofia*, p. 67.

²⁹ Ibid., p. 69.

é, enquanto diferença entre sobrevento e advento, a *de-cisão desocultante-ocultante* de ambos. Na de-cisão impera a revelação do que fecha e se revela; este imperar dá a separação e união de sobrevento e advento”.³⁰

A “decisão” consiste num ponto de suma relevância para se constatar a diferença entre o ser e o ente. O ser mostra-se no sobrevento desocultante como deixar-estar-aí do que advém, como o fundar; o ente, o advento que se oculta no desvelamento, é o fundado que, por sua vez, funda de sua maneira. A decisão entre o fundador e o fundado não somente os separa, mas provoca união recíproca entre eles.

O ser surge como fenômeno, o fundamento que está radicado no *logos*. Este funda as coisas no universal e a partir do único. O ser funda o ente. Este, por sua vez, dá fundamentação ao ser. Ora, “o ser é sempre o ser de um ente”.³¹ Por isso, um está em plena harmonia com o outro. Dessa forma: “o fundar mesmo aparece no seio da revelação da de-cisão como algo que é e que assim por si mesmo exige, enquanto ente, a correspondente fundação pelo ente, quer dizer, a causação, e, na verdade, a causação pela causa suprema”.³²

Portanto, a metafísica corresponde ao ser, mas na sua caracterização de *logos*, quer dizer, o ser do ente é pensado segundo uma lógica determinada pela diferença e, por isso, onto-teo-lógica. Ao pensar o ente no seu fundamento, a metafísica é lógica (onto-lógica); pensar o ente enquanto tal no todo, ao pensar o supremo, que a tudo fundamenta, a metafísica é lógica (teo-lógica). Nesta perspectiva, “a constituição onto-teológica da metafísica emerge do imperar da diferença que sustenta separados e unidos ser como fundamento e ente como fundado-fundamentante, sustentação que a de-cisão consuma”.³³

Feito todo este percurso, Heidegger considera ser possível responder a pergunta: como entra Deus na filosofia? A resposta parte da de-cisão, na medida em que se percebe a diferença entre o ser e o ente, o que vem ser

³⁰ Ibid., p. 70. A palavra ser é empregada na sua mais ampla generalidade e indeterminação. O ser aparece como geral em relação a cada ente e sempre está associado a um cunho historial.

³¹ HEIDEGGER. *Ser e Tempo*, p. 35.

³² Id. *O que é isto a Filosofia*, p. 73.

³³ Ibid., p. 74.

a via básica para o estatuto da essência do pensamento. O ser surge como fundamento fundante de toda fundamentação, o pro-dutor, causador mais originário, *causa sui*. Daí surge o nome para Deus no ambiente filosófico. Mas este Deus não é objeto de adoração para o homem.

5. A ESSÊNCIA DO FUNDAMENTO³⁴

Realizado este itinerário, de explicitação da abordagem onto-teológica em Heidegger, pretende-se explorar, mais precisamente, a questão sobre o sentido do ser, naquilo que tange o seu fundamento. Trata-se de investigar a questão essencial da metafísica: “o questionamento ontológico é mais originário do que as pesquisas ônticas das ciências positivas. No entanto, permanecerá ingênuo e opaco, se as suas investigações sobre o ser dos entes deixarem sem discussão o sentido do ser em geral”.³⁵ Segundo Heidegger, tal especulação conduz ao entendimento da estrutura e multiplicidades dos modos de ser.³⁶ Pois “nunca se falou satisfatoriamente, nem sequer com clareza, em que consiste o supremo do gênero ‘ser’ ou o transcendental deste conceito – nem, portanto, se poderia dizer claramente com satisfação entre os dois termos desta alternativa”.³⁷

A filosofia grega se desenvolveu sem explorar a questão sobre o sentido do ser. Ela ainda tentou formular tal questão, mas, por não encontrar respostas satisfatórias, suprimiu a pergunta. Os medievais reproduziram este mesmo esquecimento, não contestando o ser na sua mais alta originalidade. Com o surgimento de novas questões filosóficas, tornou-se, mais que fundamental, retornar a este antigo problema.³⁸ Para Heidegger, somente a

³⁴ A reflexão, que aqui se prossegue, não está em referência direta à conferência de Heidegger denominada *A constituição onto-teológica da metafísica*. A pretensão desta análise é reforçar e, com isso, concluir, a análise sobre o ser, na sua essência e fundamentação.

³⁵ HEIDEGGER. *Ser e Tempo*, p. 37.

³⁶ BLANC. Mafalda Faria. *O Fundamento em Heidegger*, p.37.

³⁷ GAOS, José. *Introducción a el Ser y el Tiempo de Martin Heidegger*, p. 10.

³⁸ “A tradição do pensamento que se consolidou na Idade Média com o nome de Metafísica assimilou integralmente a lição de Aristóteles: dado que o ser é o mais universal dos conceitos, mas que tal universalidade é analógica e não genética, transcendendo todos os gêneros, o conceito de ser, que não se esgota no conceito de um ente, é também o mais compreensível dos conceitos. Santo Tomás de Aquino afirmou: ‘Certa compreensão do ser está em cada caso já incluída em toda apreensão de um ente’. O problema do ser encerrou-se nesses limites e fechou-se dentro deles, fora de toda perplexidade pelo

ontologia pode indagar sobre essa questão, pois “perguntar em direção ao ser é, assim, para o nosso autor, procurar saber *a partir de onde* e de que modo ele é determinado e, por conseguinte, compreendido e conhecido”.³⁹

Ora, a pergunta pelo sentido do ser, segundo Heidegger, somente pode ser tratada por uma investigação ontológica, já que ela investiga o ser e sua relação com os entes. Fundamentalmente, perguntar pelo sentido do ser é indagar pelo ponto de partida e pelo modo que ele é determinado, conhecido e compreendido. Dessa forma, a pergunta pelo ser envolve os seguintes aspectos: *o sentido (do ser)*, *o ser (do ente)*, *o ente* e *o ser aí*. O primeiro é o questionado da questão. Isso acontece porque ele já está presente; o segundo é o objeto pelo qual se questiona; o terceiro é o objeto ao qual se questiona pelo seu ser. O ente pode ser designado por muitas coisas e por muitas maneiras; o quarto, o ente, ao por a questão sobre o ser, aparece como ser-aí (*Dasein*). Neste sentido:

A análise da constituição ontológica do ser-aí deve tomar como tema a compreensão do ser e levá-la a clareza de uma conceptualidade adequada. Tal é o que Heidegger se propõe realizar pela via de uma analítica do ser-aí (*Daseinsanalytik*), a fim de assegurar a ontologia a elucidação do seu conceito central.⁴⁰

O problema da ontologia, carregado por muito tempo, está em partir da natureza e não do *Dasein*. Pois “se a análise que pergunta sobre o ser não incidir sobre a estrutura do *Dasein*, que é “estar-no-mundo”, *In der-Welt-sein*, passa por cima do essencial”.⁴¹ Nesta perspectiva, a pergunta sobre o sentido do ser consiste em perguntar sobre o *Dasein*. Este é o homem, aquele que pensa e faz a pergunta pelo ser, o ente da análise existencial.⁴²

fato de que, não sendo um ente, o ser está compreendido de maneira indeterminada da determinação do *ente enquanto ente*, como a parte submersa na figura maciça de um *iceberg* flutuante.” NUNES, Benedito. *Passagem para o Poético*, p. 41.

³⁹ BLANC. Mafalda Faria. *O Fundamento em Heidegger*, p.39.

⁴⁰ *Ibid.*, p. 41.

⁴¹ MACHADO, Geraldo Pinheiro. *A noção de Ser em Maritain e Heidegger*, p. 62.

⁴² “A compreensão do ser constitui a essência do homem e tem o nome de existência (*Existenz*). Determinado a partir da existência, o homem é o ser-aí (*Dasein*). Assim, a ontologia fundamental realiza-se como analítica do ser-aí (*Daseinsanalytik*), propondo-se determinar o horizonte que possibilita a compreensão do ser dos entes intramundanos através do levantamento da estrutura ontológica do ser-aí.” BLANC. Mafalda Faria. *O Fundamento em Heidegger*, p.47.

O ser, ao significar presença, remete a compreensão de tempo. Ao contrário, a filosofia antiga não contemplou esta transcendência do tempo, como via que determina o ser e toda sua compreensão. Por isso, para Heidegger, a investigação sobre o ser não mais se associa ao pensar, mas ao tempo, como possibilidade de compreensão acerca do ser. Dessa forma, o “ser e pensar”, dos gregos, passa à investigação “ser e tempo”.⁴³

Para Heidegger, a compreensão do ser “não tem a universalidade inocente de uma propriedade humana que aparece comumente entre muitas outras, mas sua ‘universalidade’ é a originalidade de fundamento (Grund) mais íntimo da finitude do *Dasein*”.⁴⁴ O *Dasein*, na sua dimensão de transcendência, envolve-se em meio ao ente e se conduz ao ente em sua totalidade, ultrapassando-o na direção do mundo. Esta transcendência do *Dasein* impede de se determinar como sujeito-objeto. Nesta ultrapassagem, o *Dasein* vai ao encontro *daquele ente que ele é como si mesmo*; quanto à transcendência, constitui a *ipseidade*, o si mesmo; a totalidade, o *Dasein* se dá a entender a que ente pode dirigir-se sua conduta e como pode conduzir-se em relação a ele. Neste ultrapassar, o *Dasein* se temporaliza como um si mesmo, quer dizer, como um ente entregue a si mesmo para ser. O ser do ente é o poder ser que, por sua vez, é a liberdade, movimento de transcendência e de projeção de possibilidades.⁴⁵

A essência do ser-aí consiste em ser um ser, que é ele próprio e, por isso, existir: ele é como é para si mesmo. Assim, “dizer que a existência é a determinação ontológica fundamental do ser-aí significa afirmar que este ente se caracteriza por ter que ser o seu ser sob a forma do poder ser”.⁴⁶

Para o racionalismo clássico, a problematização do fundamento era resolvida como princípio da razão, quer dizer, o ente tem uma razão de ser. Para Leibniz esta razão também estava fundada no conjunto das coisas, o porquê da ordem espiritual e natural. Para a ontologia fundamental, este porquê revela a essência do fundamento, que é possibilitado pela transcendência e, com a liberdade do *Dasein*, fundamenta o ser das coisas. Pois o *Dasein* somente funda o mundo à medida que se funda no meio dos entes.

⁴³ BLANC. Mafalda Faria. *O Fundamento em Heidegger*, p. 41-42.

⁴⁴ NUNES, Benedito. *Passagem para o Poético*, p. 182.

⁴⁵ *Ibid.*, p. 182.

⁴⁶ BLANC. Mafalda Faria. *O Fundamento em Heidegger*, p. 49.

Este fundamentar, ou dar razão, procede do desvelamento do ser. O fundamentar expõe os aspectos da constituição da existência do Dasein, ser-no-mundo. No âmbito da transcendência, tal fundamentação constitui três modos diferentes: o *erigir* (stiften), no sentido da *projeção*, do investimento do ente nas possibilidades do Dasein; o *enraizar-se* (Boden-nehmen), no sentido de está já situado no ente, por ele investido; e o *fundamentar* (begründen), em que, por força de sua transcendência, o Dasein “assume a possibilitação (Ermöglichung) da revelação do ente em si mesmo, a possibilidade da verdade ôntica”.⁴⁷

O *erigir* e o *enraizar-se* comportam a dialética do excesso e da privação.⁴⁸ Estes esclarecem a unidade daqueles que, por sua vez, esclarece a estrutura do *compreender* e da facticidade da *disposição*. Na unidade surge a *intencionalidade*, que é um elemento fundante da existência. Esses três modos da transcendência configuram a liberdade para o fundamento.

CONCLUSÃO

Heidegger apresenta uma nova forma de pensar a filosofia que, fundamentalmente, pensa o ser na sua concepção existencial. E esta tarefa surge do confronto com a tradição filosófica. Heidegger não somente discute com a filosofia clássica, assimilada pela escolástica, mas propõe uma nova forma de questionar o objeto do pensamento, assim como, uma nova maneira de falar sobre ele, quer dizer, Heidegger procura analisar o ser das coisas mesmo, na forma como o pensamento da filosofia deve experimentar e como deve dizê-lo.

E por isso, procura pensar a questão sobre o ser no horizonte da diferença ontológica, quer dizer, da diferença entre o ser e o fundamento. Esta reflexão de Heidegger, sobre a *Constituição onto-teológica da metafísica* – assim como em outros textos como *O que é a Filosofia* e *O princípio da identidade e diferença* – parte de interrogações fundamentais acerca daquilo que ele se propõe analisar; depois parte para a crítica à filosofia da tradição; e, por fim, esboça uma nova resposta sobre a questão apresentada no início que, por sua vez, é expressa numa nova terminologia, como se identificou nas palavras: *sobrevento*, *advento* e *decisão*.

⁴⁷ NUNES, Benedito. *Passagem para o Poético*, p. 183.

⁴⁸ O *erigir* possui (sempre) possibilidades que excedem ao Dasein, no seu ser-no-mundo.

O problema fundamental para Heidegger é que a metafísica esqueceu-se de pensar o ser na sua diferença e, por isso, enveredou-se por caminhos equívocos. A tarefa para tentar reverter esta situação está radicada no “passo de volta”, caminho pelo qual se pode pensar a essência da verdade. Em suma, a tentativa de Heidegger é identificar como o ser tornou-se o fundamento fundante de toda *causa sui*. E para isso procura averiguar como ele é na sua essência, constituição e linguagem.

BIBLIOGRAFIA

- BLANC, Mafalda Faria. *O Fundamento em Heidegger*. Lisboa: Instituto Piaget, 1984.
- GAOS, José. *Introducción a el Ser y el Tiempo de Martin Heidegger*. México – Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1951.
- GMEINER, Conceição Neves. *A Morada do Ser – uma abordagem filosófica da linguagem na leitura de Martin Heidegger*. Santos: Leopoldianum, 1998.
- HEGEL, G. W. F. *A Idéia e o Ideal*. (trad.) Orlando Vitorino. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Os Pensadores)
- _____. *A Razão na História: Uma Introdução Geral à Filosofia da História*. (trad.) Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2001.
- _____. *Fenomenologia do Espírito*. (trad.) Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 2005.
- HEIDEGGER, Martin. *Introdução à Metafísica*. (trad.) Emmanuel carneiro Leão. Rio de Janeiro: UNB, 1978.
- _____. *O que é isto a Filosofia? Identidade e Diferença*. (trad.) Ernildo Stein. Petrópolis: Vozes, 2006.
- _____. *Que é Metafísica?* (trad.) Ernildo Estein. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Os Pensadores)
- _____. *Ser e Tempo*. (trad.) Márcia de Sá Cavalcante. Vol. 1. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MACHADO, Geraldo Pinheiro. *A noção de Ser em Maritain e Heidegger, comparadas no plano de um primeiro momento da Ontologia*. São Paulo: Cupolo, 1955.
- MATTOS, Carlos Lopes de. *Heidegger e o problema da filosofia*. Limeira: letras da Província, 1954.
- NUNES, Benedito. *Passagem para o Poético*. São Paulo: Ática, 1986.
- ROVIGHI, Sofia Vanni. *Heidegger*. Brescia: La Scuola, 1945.